

APRESENTAÇÃO

O dossiê *Literatura baiana e outras artes*, da Revista *Missangas: Estudos de Literatura e Linguística*, apresenta diálogos entre a literatura e outras formas de artes produzidos por escritores e escritoras baianas – nascidos na Bahia ou que fizeram deste lugar sua terra e/ou sua inspiração literária –, procurando verificar, nas transposições intersemióticas, a diluição das formas e dos espaços fixos de cada expressão de arte e seu consequente alargamento para estruturas e linguagens artísticas mais dinâmicas, uma vez que o encontro interartes, ao nosso ver, possibilita a ampliação das fronteiras das artes, pensando-as como desdobráveis e, ao

mesmo tempo, ampliadoras de sentidos e de formas.

Essa relação dialógica mais fortemente se dá com o texto literário construído no contexto da contemporaneidade, que é marcada por um sem limites de contatos entre textos, imagens e sons, aspecto também presente nas produções da literatura baiana da atualidade, que aqui se apresenta como *corpus* para esse dossiê, composto por oito artigos, que seguem – para fins dessa publicação – em ordem alfabética da autoria.

No primeiro dos artigos integrantes desse dossiê, intitulado *O diálogo das artes: a poesia de Heloísa Prazeres e a fotografia de Jamison Pedra*, Aleilton Fonseca apresenta obras – poéticas e fotográficas – desses dois artistas baianos que, em aproximações na arte e na vida, impõem em suas artes um deslimite da palavra e da imagem, uma vez que essas estão amalgamadas de tal forma que já não se pode pensar de forma separada na palavra da poeta e na imagem imortalizada pelo fotógrafo. Ou, como nos diz Aleilton Fonseca, “Heloísa Prazeres realiza a *poiesis* das imagens que capta em suas itinerâncias. Enquanto isso, Jamison Pedra realiza o registro estético das imagens, recortando-as do universo empírico e revestindo-as de uma *poiesis* da fotografia, em preto e branco, como objeto de arte”.

O artigo seguinte – *Descrever o invisível: a écfrase como criação em “Descrição de homem”, de Roberval Pereyr* –, escrito por Almi Costa dos Santos Junior e Cristiano Augusto da Silva, aproxima poesia e artes visuais ao tratar da écfrase como elemento que liga as artes fotografia e poema. A écfrase presente no poema de Pereyr é compreendida pelos autores por suas características modernas que retomam esse recurso clássico, contudo por outras dobras e estratégias de descrição bastante atuais.

Edinilson Mota Dias (Edinilson Motta Pará) e Cilene Nascimento Canda trazem sua contribuição a esse dossiê com um texto sensível sobre a experiência de adaptação teatral da obra literária *Nhô Guimarães*, escrita pelo escritor baiano Aleilton Fonseca. Com relatos que transbordam as emoções vivenciadas por ambos – diretor teatral e atriz da peça – o artigo *Nhô Guimarães: reflexões sobre o processo de adaptação da literatura para o teatro* evidencia a riqueza que é a relação interartes, ao passo que nos mostra as sutilezas do ato criativo que é capaz de transformar em outra obra o cerne de uma obra anterior.

No artigo *A literatura fora de si: escritivências, vozes e corpos potentes de mulheres negras em Bom mesmo é estar debaixo d’água*, de Luedji Luna – escrito por Hanaliza Ferreira da Silva, Ivana Teixeira Figueiredo Gund e Manuela Santos Dias –, o objeto de análise é o álbum visual *Bom mesmo é estar debaixo d’água* (2020), da poeta, cantora e compositora baiana Luedji Luna. O texto propõe discutir as intersecções entre essa obra e outras linguagens, formas artísticas e midiáticas, em especial, por intermédio do contato entre poesia, música, performance e videoclipe, a fim de destacar a face contemporânea da arte construída em diálogos e expansões que promovem a dilatação de suas estruturas, linguagens e fronteiras. Além disso, destaca-se na análise apresentada pelas autoras a potência desse álbum visual como importante instrumento de valorização da identidade negra e de denúncia do racismo estrutural em nossa sociedade.

Luiz Henrique Ernesto Coelho apresenta uma análise bastante consistente da intermedialidade presente no fazer literário da poeta Karina Rabinovitz, discutindo também a parceria da poeta com a artista visual Silvana Rezende. As artes dessas mulheres baianas – em palavras e imagens – vão derrubando as barreiras da palavra estática do papel, constroem novos espaços da poesia, mostram-se em intervenções urbanas, criam múltiplas possibilidades de leitura e sensibilização. O artigo *Os outros espaços na escrita de Karina Rabinovitz* apresenta ainda uma importante fundamentação teórica sobre o conceito de espaço e também no que diz respeito às discussões sobre mídia, intermedialidade e outros conceitos.

No sexto artigo – *Gotejar em braseiros: dramaturgia, curta-metragem, montagem cênica e a dimensão do corpo* –, Michel Silva Guimarães analisa o diálogo entre três linguagens artísticas diferentes: texto dramático, curta-metragem e montagem cênica. Para tanto, investiga, de forma crítica, a dimensão do corpo como metabolizador de questões caras à sertanidade, que são discutidas pelo autor ao longo do texto.

Em *Autoria negra feminina e representações verbo-visuais de si na poesia de Celeste Bastos: rupturas na formação do leitor*, Renilda Ferreira Cazumbá nos

apresenta a força dos versos de Celeste Bastos, mulher negra que, mesmo diante de todos os obstáculos criados por uma cultura racista e opressora, consegue, na idade adulta, publicar sua obra poética *Profundanças* (2014), uma coletânea que mescla poesia e fotografia. Celeste Bastos não é nascida em território baiano, mas sua vivência por anos na cidade de Brumado (BA), cidade do sudoeste baiano, no território de identidade do alto sertão, além da riqueza cultural de sua ancestralidade e do exercício de sua “escrevivência”, fazem com que seja um privilégio ter os versos dessa poeta nesse dossiê.

Por fim, apresentamos um artigo na Seção Vária. Trata-se de “*O departamento feminino do clube*”, de Helena Parente Cunha: *imposições questionáveis*, escrito por Alexandra Santos Pinheiro e Mayara Mayre Silva dos Santos. O texto se constitui em uma homenagem à escritora baiana Helena Parente Cunha, pelo valor inestimável de sua obra – em especial, os contos –, como instrumento de reflexão social sobre temas relevantes para as mulheres, como são os temas abordados pela crítica feminista. As autoras apresentam uma fundamentação teórica consistente e analisam um dos contos do livro *Vento, ventania, vendaval*, de Parente, cuja potência da palavra não está na escolha vernácula, mas na discussão sobre as muitas formas de opressão sofridas cotidianamente pelas mulheres.

Espera-se que esse dossiê contribua para os estudos da literatura baiana contemporânea e que sirva para a divulgação dos escritores e escritoras que fazem essa literatura ser tão multifacetada, tão nossa e tão necessária para que possamos nos ver representados nos temas, nas faces das personagens, na diversidade étnica, social e cultural que é a Bahia.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura!

Organizadores

Antonio Donizeti da Cruz (UNIOESTE)

Gildecide de Oliveira Leite (UNEB)

Ivana Teixeira Figueiredo Gund (UNEB)